

Veja o MST! – Um *frame* revelado

Adriana Maria Tenuta de Azevedo
Universidade Federal de Minas Gerais
Grupo de Pesquisa InCognito

Esta é uma análise de duas reportagens jornalísticas publicadas em 3/04/2002, referentes a um único episódio: a invasão, liderada pelo Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST), da Fazenda *Córrego da Ponte*, situada em Buritis, Minas Gerais, de propriedade da família do então presidente Fernando Henrique Cardoso, ocorrida em 23/03/2002. Tal análise revela, no texto da Revista *VEJA* (p. 46 a 50), a construção, principalmente através de recursos lexicais, de um determinado modelo cognitivo idealizado – *frame* – (FAUCONNIER, 1997) – subjacente à macro-estrutura do texto, o que não ocorre em relação à reportagem da Revista *ISTO É* (p. 31 a 34). A existência de tal *frame*, compartilhada culturalmente por escritores e leitores, leva, por parte destes, a interpretações maniqueístas do evento sendo reportado.

The present work is an analysis of two magazine reports referring to the episode of the invasion of *Córrego da Ponte* Farm, situated in Buritis, MG, which happened on March 23rd, 2002, led by the Landless Workers Movement (MST). *Córrego da Ponte* is property of the family of Fernando Henrique Cardoso (The president of Brazil at that time). The first of those reports (*VEJA Magazine*, April 3rd, 2002, p. 46 to 50) is seen in details, since it presents elements of an idealized cognitive model – frame (FAUCONNIER, 1997) underlying the superstructure of the text. The existence of such frame, revealed by certain linguistic elements, especially the lexical choice, tends to raise dualistic interpretations of the socio-political event being reported. The second one (*ISTO É Magazine*, edition 1696, April 03rd, 2002, p. 31 to 34) is taken as a differentiated parameter, for comparison to the analysis proposal for the first report.

Introdução

O presente trabalho é uma análise de duas reportagens referentes ao episódio da invasão da Fazenda *Córrego da Ponte*, situada em Buritis, Minas Gerais, de propriedade da família do então presidente Fernando Henrique Cardoso, invasão essa ocorrida em 23/03/2002 e liderada pelo Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST). A primeira dessas reportagens (Revista *VEJA*, 3/04/2002, páginas 46 a 51) é analisada em detalhes, pois apresenta elementos reveladores de um modelo cognitivo idealizado – *frame* (FAUCONNIER, 1997) –

subjacente à macro-estrutura do texto. A existência de tal *frame*, revelado por determinados elementos lingüísticos, especialmente a escolha vocabular, tende a suscitar interpretações maniqueístas desse acontecimento sócio-político. A segunda reportagem (Revista *ISTO É*, edição 1696, 03/04/2002, páginas 31 a 34) é tomada apenas como um parâmetro diferenciado, para efeito de comparação e esclarecimento da análise proposta para a primeira reportagem.

Semântica Cognitiva

Os modelos cognitivos idealizados (*frames*) são parte do quadro teórico da Semântica Cognitiva, presentes na Teoria da Metáfora Conceitual (LAKOFF e JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1991) e nas abordagens que lidam com os espaços mentais, como a Teoria da Mesclagem (FAUCONNIER e TURNER, 1996).

As pessoas compartilham de modelos cognitivos, que podem ser *frames* completos ou modelos simplificados. *Frames* podem ser definidos, de acordo com Palmer (1996), como molduras nas quais encaixamos a experiência. Um *frame* estrutura-se por papéis e relações entre esses papéis, a partir dos quais se podem realizar inferências. *Frames* e modelos cognitivos são culturais. Segundo Fauconnier (1997), por estarmos, por exemplo, familiarizados com situações envolvendo transações comerciais, ao ouvirmos uma frase do tipo *Jack comprou ouro de Jill*, identificamos todo um quadro, um *frame* para vender e comprar, constituído de vários papéis e relações: comprador, vendedor, mercadoria, propaganda, dinheiro, preço e uma série de inferências relativas a posse, obrigações no negócio, etc.

No momento do discurso, tal *frame* entra na construção de um espaço mental relativo à frase referida. *Jack, Jill, comprou* serão mapeados aos lugares apropriados no *frame*:

Jack	_____	comprador
Jill	_____	vendedor
ouro	_____	mercadoria
.....	
.....	
ESPAÇO MENTAL		FRAME

(FAUCONNIER, 1997, Fig. 1.1, p.12)

Os espaços mentais são construtos teóricos, representações de possíveis construções em nível cognitivo. São, então, nesse quadro, estruturas construídas à medida que elaboramos nossos pensamentos, falamos ou interpretamos linguagem. Enunciados distintos suscitam construções de espaços também distintas.

Uma noção importante nesse modelo é a de mapeamento. Emprestada da matemática, mapeamento significa, no geral, a correspondência entre dois conjuntos, com a atribuição, a cada elemento do primeiro, uma contraparte no segundo. Em Linguística Cognitiva, esse termo designa uma operação mental complexa entre domínios. Os domínios incluem, na sua estruturação, *frames* prévios e os espaços mentais, introduzidos localmente.

Mapeamentos são parciais, assimétricos e móveis. Integram um processamento subjacente à gramática cotidiana; são centrais na nossa capacidade de produzir e interpretar significados. Para Fauconnier (1997), não temos acesso direto a esses mecanismos cognitivos abstratos, a processos mentais dessa natureza. A forma de percebê-los, no entanto, é através da observação e análise de elementos linguísticos. Apesar de parecer pretensioso, segundo o autor, é mais realista investigar esses mecanismos e processos do que enfocarmos as formas sintáticas como autônomas em relação aos outros aspectos linguísticos ou estudarmos a língua isoladamente de outras habilidades cognitivas.

Os mapeamentos entre domínios cognitivos são processos corriqueiros na nossa utilização do pensamento e da linguagem. Anteriormente haviam sido considerados fenômenos ligados à metáfora literária ou analogia. Vários autores têm argumentado em favor dos mapeamentos metafóricos como presentes em nosso raciocínio cotidiano, sendo alguns dos nomes mais conhecidos, ligados a essa corrente, os seguintes: Reddy (1979), Lakoff e Johnson (1980), Turner (1997), Fauconnier, G. e Turner, M. (1996), Sweetser (1996), Talmy (1998).¹

¹ No Brasil, há vários pesquisadores que adotam essa perspectiva teórica. Há grupos ligados a Margarida Salomão (UFJF), a Mara Zanotto (PUC-SP), a Heliana Mello (UFMG – Grupo InCognito), por exemplo.

Mapeamentos *frame*/ fatos na reportagem da revista *Veja*

Através desta análise, procuro mostrar que, subjacente à estruturação do texto da revista *VEJA*, há um modelo cognitivo idealizado, um *frame* de AGRESSÃO, o qual é expresso, principalmente, pela escolha vocabular, com possíveis mapeamentos entre personagens envolvidos no evento da invasão da fazenda em Buritis (domínio alvo), de um lado, e os papéis desse *frame* (domínio fonte), de outro.

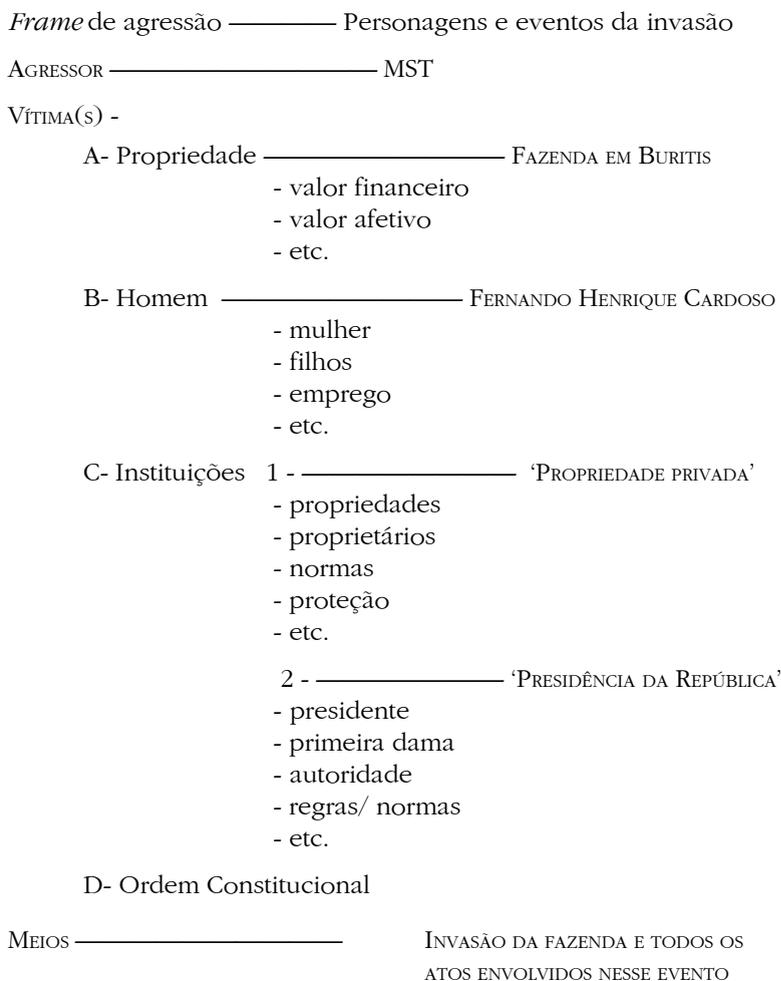
Em relação ao *frame* mencionado, seus papéis principais são o agressor, a vítima e os meios empregados na(s) ação(ões). Como acarretamentos/inferências dessa estrutura, temos que quanto mais violento é o agressor, mais contundente é sua ação, mais vítimas ele é capaz de fazer. Essas relações, presentes no *frame* do modelo cognitivo da AGRESSÃO, nós culturalmente compartilhamos.

No texto em foco, quem é agressor é apenas agressor. Quem é vítima é apenas vítima. O MST é unicamente agressor, tão violento que foi capaz de atingir o homem Fernando Henrique, sua propriedade e, portanto, a instituição 'propriedade privada'. Ao atingir Fernando Henrique, atinge ainda a instituição 'Presidência da República' e, em última instância, a ordem constitucional. A vítima simbolicamente se subdivide em várias. Todas elas são, por sua vez, mostradas apenas como vítimas, não têm parcela alguma de responsabilidade nos fatos. Os meios utilizados para a agressão são apresentados como adequados ao porte do agressor, são igualmente fortes, destruidores.

A escolha dos itens de vocabulário leva, então, à imputação exata, inequívoca, dos papéis aos personagens, suscita correspondências unívocas, conduzindo os mapeamentos que o leitor fará. Por compartilharem, leitores e autor(es), do modelo cognitivo cultural referente à AGRESSÃO, pode-se ter, como resultado, uma interpretação maniqueísta dos fatos sócio-políticos apresentados. Os mesmos fatos, como veremos pela referência à reportagem da revista *ISTO É*, podem ser apresentados como passíveis de análise mais neutra quando não há tais correspondências.

Estrutura do *frame* de agressão

No quadro abaixo estão os elementos da invasão mapeados aos papéis principais do *frame* de AGRESSÃO, que é composto de *sub-frames* (Propriedade, Homem, Instituição).



Abaixo, são apresentados os elementos lingüísticos, destacando-se os itens lexicais ou trechos utilizados na caracterização dos papéis do *frame*.

Elementos lingüísticos responsáveis pela revelação do *frame* subjacente

O Agressor

O Movimento Sem-Terra é mostrado como o único agressor a ser mapeado ao *frame*. São encontrados elementos textuais que procuram

passar a visão de um movimento de baderneiros, ao mesmo tempo em que contribuem para a imagem de desqualificação e inferioridade.

Ilegalidade/ baderna

- OS SEM-LIMITE ATACAM NOVAMENTE (Título da reportagem)
- Em nome do socialismo, promoveu saques..., invasões de delegacias, prédios públicos e agências bancárias, fez reféns, foi vítima de um massacre brutal, em que morreram dezenove sem-terra, comandou os maiores protestos recentes em Brasília e até já ocupou gabinete de ministro.

É interessante observar que, mesmo quando o texto apresenta um evento do qual o agressor (MST) poderia ter sido considerado uma vítima (trecho do exemplo acima destacado sem itálico), o faz num contexto de muitas outras ações nas quais o MST é o agressor. Isso gera um efeito, no leitor, de interpretar aquele evento como também de responsabilidade do MST.

Falsidade/ Inadequação ideológica

- Em nome do socialismo, promoveu saques...
(Pressuposição: a intenção é distinta daquela assumida pelo movimento: promover baderna)
- manipula massas empobrecidas
- ostenta uma salada ideológica anacrônica

Incompetência/ amadorismo/inconsistência/opportunismo

- Foi, de longe, a ação mais repudiada do MST - E só existiu devido à sua desorientação.
- No caminho arranjaram uma multidão de 200 pessoas para acompanhá-los no ultraje.
- O problema é saber o que significa papel social na concepção do movimento.

Falta de razão para o ato

As referências aos líderes da invasão, os 16 membros do movimento que foram presos, sugerem ilegitimidade:

- militantes vitalícios da bandeira vermelha.

- a maioria (dos 16) era assentada em lotes agrários. Simplesmente abandonaram suas roças na entressafra para ir à Fazenda Córrego da Ponte promover sua manifestação política de ataque pessoal ao presidente da República. No caminho arranjaram uma multidão de 200 pessoas para acompanhá-los no ultraje.

A Vítima

A vítima não é apenas a propriedade invadida e o homem Fernando Henrique Cardoso. São também as instituições ‘Propriedade Privada’ e ‘Presidência da República’ e, em última instância, a ordem constitucional.

- invadiram a fazenda dos filhos do presidente Fernando Henrique
- No auge do deboche, deitaram-se na cama do presidente e abriram o guarda-roupa da primeira dama.
- E jamais se vira um desafio tão abusado e torpe a um presidente da república.
- Invadir a fazenda de Fernando Henrique é agressão à autoridade do presidente e, por extensão, à ordem constitucional, que ele representa.

Há um certo tom de sentimentalismo na elaboração do papel vítima do *frame*. A menção desses papéis sociais (filho, presidente da república, primeira-dama) aumenta a sensação de perversão e afronta do ato.

Outra característica da estruturação do texto é a exposição detalhada dos eventos que ocorreram dentro da propriedade do presidente. Tal detalhamento tem efeito *zoom*. O leitor entra, com o texto, nos aposentos da família, sente mais de perto seu drama, solidariza-se com a vítima. Esse trecho aparece logo no início da reportagem. Itens lexicais de sentidos relativamente fortes na introdução definem o ‘tom’ da reportagem e buscam a adesão da audiência.

- Cerca de 250 integrantes do movimento invadiram a fazenda dos filhos do presidente Fernando Henrique,... Lá, os sem-terra permaneceram 22 horas, arrasaram a despensa e a adega, danificaram colheitadeiras e tratores, mataram galinhas e perus, mexeram em papéis privados. No auge do deboche, deitaram-se na cama do presidente, abriram o guarda-roupa da primeira dama...

Nota-se uma perspectiva distinta num outro trecho em que se narram os mesmos eventos:

- Começou então a arruaça. ...Enquanto isso os sem-terra exploravam a casa de dois quartos... Uns descobriram a adega - da qual consumiram mais de noventa garrafas de vinho... Outros xeretavam nos quartos. Na cozinha, as mulheres exploravam a despensa e o *freezer*, no qual havia carne de uma vaca inteira. Mataram cinquenta galinhas e dois perus para animar o forró que fariam à noite. Outros andaram na colheitadeira e nos tratores e deixaram as máquinas com as luzes acesas para descarregar a bateria.

No momento em que de fato se detalha o ocorrido, a descrição ganha outra dimensão, com a utilização de palavras menos contundentes (*invadiram X exploravam; arrasaram X exploravam; danificaram X deixaram ...com as luzes acesas*).

Nessa mesma estruturação do papel de vítima, o texto procede a um histórico do MST deixando a impressão de que o governo já fez sua parte e, por inferência, é injustiçado. A vítima, mapeada no texto à instituição (a presidência, o governo), é generosa:

- De lá pra cá, o governo desapropriou mais de 20 milhões de hectares, equivalentes à área agricultável de um Estado como o Mato Grosso, na maior reforma agrária da história contemporânea

Os Meios

Os meios, como um dos papéis do *frame* da agressão, são mapeados à invasão propriamente e a todos os atos a ela ligados. A reportagem procurou mostrar que a atuação do agressor foi muito forte, exacerbada, extrapolando os limites do aceitável, caracterizando a agressão como fenomenal e sem par.

Ato grandioso, único:

- ação mais espetacular e agressiva de sua história...
- o MST se superou, promovendo a mais surpreendente ação de sua história
- Jamais o Brasil, em períodos democráticos, assistira a uma agressão tão escarnevada à ordem democrática. E jamais se vira um desafio tão abusado e torpe à autoridade de um presidente da república.

- Devassar a propriedade privada de um presidente é coisa inédita no Brasil e raríssima no resto do mundo, onde casos semelhantes só aconteceram em períodos de efervescência revolucionária.
- a invasão da fazenda dos filhos do presidente era o que de mais espetacular poderia ter sido feito. E vem mais por aí.

Além do valor semântico dos nominais, adjetivais, verbais, há a presença de numerais e estruturas comparativas (mais, tão) servindo ao mesmo propósito.

Ato agressivo, abusado:

- Cerca de 250 integrantes do movimento invadiram a fazenda dos filhos do presidente Fernando Henrique,... Lá, os sem-terra permaneceram 22 horas, arrasaram a despensa e a adega, danificaram colheitadeiras e tratores, mataram galinhas e perus, mexeram em papéis privados. No auge do deboche, deitaram-se na cama do presidente, abriram o guarda-roupa da primeira dama...
- Devassar a propriedade privada de um presidente...
- ação mais espetacular e agressiva de sua história...
- Jamais o Brasil, em períodos democráticos, assistira a uma agressão tão escarnecida à ordem democrática. E jamais se vira um desafio tão abusado e torpe à autoridade de um presidente da república.
- A região de Buritis já andava inflamada havia algum tempo.

Análise comparativa das duas reportagens

O tratamento dado pela revista *ISTO É* à invasão da fazenda Córrego da Ponte segue um padrão muito diferente daquele encontrado na reportagem da revista *VEJA*. A escolha vocabular confere outro tom à leitura. Há maior sobriedade. Não há palavras de sentido tão forte, nem os apelos emocionais do tipo dos apontados acima. Não há menção à família do presidente, que é tratado aqui por Fernando Henrique, FHC. Não há referência a ter sido esse um ataque às instituições e à ordem.

Apesar disso, o(s) autor(es) afirma(m) ter sido um *desatino* essa invasão, trazem declarações de um líder do MST (Rainha) e caracterizam como *inacreditável* aquela em que Rainha refere-se às táticas utilizadas pelo PCC como modelos para os movimentos de massa.

Na *VEJA*, há referência à casa da propriedade de dois quartos e 300m², à carne de uma vaca inteira na geladeira, à adega bem sortida, apenas como bens que sofreram danos, sem nenhum tipo de reflexão. Já a reportagem da revista *ISTO É* apresenta a fala de um outro líder do Movimento Sem-Terra, na qual ele repudia a invasão da privacidade, mas relaciona aquelas ações com a possibilidade de alguns integrantes do movimento terem ficado deslumbrados com tal fartura, ausente em suas vidas. Tal reflexão não permite a construção do papel agressor do *frame* como unicamente maldoso e baderneiro. O MST não é ‘pintado’, nesta reportagem, como o único agressor, nem como unicamente agressor. É, ao mesmo tempo, vítima de sua própria ação, teria dado um *tiro no pé* e há a afirmação de que *todos perdem*. É capaz de refletir sobre seus próprios atos. O próprio título expressa isso:

- JOÃO PEDRO STÉDILE, líder do MST, sobre as cenas destas páginas: “FOI UMA CAGADA”.

Em relação à análise do elo PT/MST, a reportagem da *VEJA*, tendo seu posicionamento não muito definido, ao mesmo tempo em que desvincula as duas siglas, estabelece, no *grand finale*, uma cumplicidade entre o então candidato à presidência pelo PT e ações do tipo dessa invasão.

- Logo depois da invasão da fazenda, o ministro da justiça, Aloysio Nunes Ferreira, fez sua declaração mais infeliz do governo. Sem nenhuma evidência, acusou o PT de estar por trás da baderna dos sem-terra. ... Existe uma notória aproximação entre o MST e o PT. Boa parte dos sem-terra vota em Luís Inácio Lula da Silva, candidato do partido. Muitos são filiados ao PT – inclusive a maioria dos dezesseis líderes da invasão presos. ... Afirmar que invasões dos sem-terra passam, antes, pela análise do PT é erro ou malícia eleitoral.
- O candidato do PT deveria mirar-se no exemplo de João Goulart, o presidente que deixou os marinheiros de seu tempo fazer a mesma baderna dos sem-terra de hoje – e acabou derrubado do poder em 1964. Lula não está no poder, mas sua hesitação em condenar os sem-terra passa a impressão de que, num eventual governo sob seu comando, a baderna seria tolerada caso viesse enrolada numa bandeira vermelha.

Enquanto o texto da *VEJA* conclui que, num possível governo do PT, Lula toleraria a baderna, por ele ter demorado, segundo a revista,

para condenar a invasão, *Isto É* publica várias declarações de repúdio feitas por líderes do partido: José Dirceu, Eduardo Suplicy, e, o próprio Lula, sendo que este último diz o oposto do sugerido pela *VEJA*:

- Não contem com o partido para nenhuma aventura política ou medida fora da lei. Pela força e pela violência, o MST não terá nosso apoio em nenhum momento. Vamos repelir, repudiar e condenar.

O texto da *Isto É* também discute a ligação PT/MST. E o resultado da análise que faz é claro. Sem negar a existência de *laços comuns* entre os dois, mostra o MST como um movimento forte e independente, com *autonomia* de decisão.

Ainda reforçando a visão de que a vítima, a ordem estabelecida, é unicamente vítima, o texto da *VEJA* não reconhece como legítimos questionamentos sobre a atuação de órgãos oficiais:

- Logo após a invasão,..., estabeleceu-se uma falsa discussão segundo a qual muitas fazendas e muitos fazendeiros já passaram pela mesma situação e, no entanto, o Exército e a Polícia Federal não tiveram atuação destacada em sua defesa...
- o candidato do PT conseguiu reproduzir a mesma sonsice eleitoreira. “Eu fiquei me perguntando a quem interessava aquela ação. Ao MST, não interessava. Ao PT ou à CUT, não interessa. Então, a quem interessa?” Disse Lula durante o programa de entrevistas Roda Viva...
- Em segundo lugar, Lula avalizou a teoria conspiratória tendo como argumento central – veja só – o fato de que a porteira da fazenda estava aberta, convidativamente aberta. É um primor de empulhação. O MST não se deixou levar pela porteira aberta que, em represália, logo depois invadiu a fazenda dos sócios do presidente.

Falsa discussão, veja só, empulhação, sonsice eleitoreira são tentativas de desmobilização de quaisquer questionamentos que poderiam sugerir outra atribuição de responsabilidade, desestabilizando o *frame* como construído.

Diferentemente da *VEJA*, que não admite questionar o fato de o movimento ter encontrado a porteira aberta, sendo que era sabido que o MST estava na região, a *Isto É* menciona o descuido da Abin, que ignorou tal evidência. Além disso, apresenta as circunstâncias da invasão da fazenda de Jovelino Mineiro, amigo de Fernando Henrique e sócio de seus filhos na *Córrego da Ponte*:

- Foi ocupada apenas para que o MST protestasse contra as prisões dos 16 sem-terra, que serão processados por formação de quadrilha, furto, invasão de propriedade, desobediência à ordem judicial e cárcere privado. “Prenderam 16 sem-terra, mas terão que prender um milhão. A partir da traição do governo FHC, nós declaramos guerra. Vamos invadir no Pontal, no Sul, no Norte e no Nordeste”, ameaçou José Rainha Júnior.

No mesmo sentido, a *ISTO É* menciona críticas que teriam sido feitas, inclusive pela imprensa internacional, ao governo FHC, pela ação da Polícia Federal, que prendeu e humilhou os líderes invasores. “*Violência não justifica outra violência*”, afirmou o Presidente do STF, Marco Aurélio Mello.

Conclusão

Não há na reportagem da *ISTO É* a elaboração do *frame* da AGRESSÃO, como no texto da revista *VEJA*. Os papéis do modelo cognitivo não podem ser mapeados de forma tão unívoca a personagens e propriedades do evento.

Uma vez que os elementos lingüísticos não suscitam mapeamentos tão diretos, ou tão definidos, aos papéis do *frame*, os mesmos fatos são apresentados como passíveis de análise mais neutra. Quando não há tal tipo de mapeamento entre domínio alvo e domínio fonte embasando a macro-estrutura do texto, há a possibilidade de interpretações mais ricas do tema ou fato apresentado, sem indução a maniqueísmos. Quando, por outro lado, há fidelidade a um único *frame*, não cabem questionamentos para que não haja a desestabilização do mesmo.

Referências Bibliográficas

FAUCONNIER, G. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. Blending as a central process of grammar. In: *Conceptual structure, discourse and language*. GOLDBERG, A. (Ed.). Stanford: CSLI. Distributed by Cambridge University Press, 1996. p. 113-129.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

PALMER, G. *Toward a Theory of Cultural Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1996.

REDDY, M. The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language. In: ORTONY (Ed.). *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p.164-201.

SWEETSER, E. Mental spaces and the grammar of conditional constructions. In: FAUCONNIER, G.; SWEETSER, E. (Ed.). *Spaces, worlds and grammar*. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1996. p 318-333.

TALMY, M. Force Dynamics in Language and Cognition. *Cognitive Science*, v. 12, p. 49-100, 1988.

TURNER, M. Human meaning. In: *The literary mind*. Oxford: Oxford University Press, 1997. p. 12-25.